

Travessa em Três Tempos

Tudo acaba em samba



2012 - Ano III N° 09



Sumário:

| | |
|---|----|
| <i>O enterro do Sinhô</i> | 02 |
| <i>Isso dá samba</i> | 04 |
| <i>Depoimento de Neide</i> | 04 |
| <i>Depoimento de Valdir</i> | 05 |
| <i>Depoimento de Joca</i> | 06 |
| <i>O Enterro da Rosa</i> | 07 |
| <i>Depoimento de Tia Vera</i> | 07 |
| <i>Depoimento de Carminha</i> | 08 |
| <i>Sem ti, sou nota. Contigo, somos música</i> | 09 |
| <i>Depoimento de Elis</i> | 09 |
| <i>Depoimentos de Paulinho</i> | 10 |
| <i>De sambista para sambista</i> | 11 |
| <i>Depoimento de China</i> | 11 |
| <i>Depoimento de Hilário Jovino</i> | 12 |
| <i>Depoimento de Donga</i> | 13 |
| <i>Descendo as curvas do Rio, nas esquinas do samba</i> | 14 |
| <i>Depoimento de Nina</i> | 14 |
| <i>Depoimento de Florinda</i> | 15 |
| <i>Uma [breve] biografia</i> | 16 |
| <i>Editorial</i> | 18 |
| <i>Como participar</i> | 18 |
| <i>Ficha Técnica</i> | 18 |

O Enterro do Sinhô

[Manuel Bandeira]

J. B. SILVA, o popular Sinhô dos mais deliciosos sambas cariocas, era um desses homens que ainda morrendo da morte mais natural deste mundo dão a todos a impressão de que morreram de acidente. Zeca Patrocínio, que o adorava e com quem ele tinha grandes afinidades de temperamento, era assim também: descarnado, lívido, frangalho de gente, mas sempre fagueiro, vivaz, agilíssimo, dir-se-ia um moribundo galvanizado provisoriamente para uma farra. Que doença era a sua? Parecia um tísico nas últimas. Diziam que tinha muita sífilis. Certamente o rim estava em pantanas. Fígado escangalhado. Ouvia-se de vez em quando que o Zeca estava morrendo. Ora em Paris, ora em Todos os Santos, subúrbio da Central. E de repente, na Avenida, a gente encontrava o Zeca às três da madrugada, de smoking, no auge da excitação e da verve. Assim me aconteceu uma vez, e o que o punha tão excitado naquela ocasião era precisamente a última marcha carnavalesca de Sinhô, o famoso Claudionor...

que pra sustentar família/ foi bancar o estivador...

Me apresentaram a Sinhô na câmara-ardente do Zeca. Foi na pobre nave da igreja dos pretos do Rosário. Sinhô tinha passado o dia ali, era mais de meia-noite, ia passar a noite ali e não parava de evocar a figura do amigo extinto, contava aventuras comuns, espinafrava tudo quanto era músico e poeta, estava danado naquela época com o Vila e o Catulo, poeta era ele, músico era ele. Que língua desgraçada! Que vaidade! mas a gente não podia deixar de gostar dele desde logo, pelo menos os que são sensíveis ao sabor da qualidade carioca. O que há de mais povo e de mais carioca tinha em Sinhô a sua personificação mais típica, mais genuína e mais profunda. De quando em quando, no meio de uma porção de toadas que todas eram camaradas e frescas como as manhãs dos nossos suburbiozinhos humildes, vinha de Sinhô um samba definitivo, um Claudionor, um Jura, com um "beijo puro na catedral do amor", enfim uma dessas coisas incríveis que pareciam descer dos morros lendários da cidade, Favela, Salgueiro, Mangueira, São Carlos, fina-flor extrema da malandragem carioca mais inteligente e mais heróica... Sinhô!

Ele era o traço mais expressivo ligando os poetas, os artistas, a sociedade fina e culta às camadas profundas da ralé urbana. Daí a fascinação que despertava em toda a gente quando levado a um salão.

D.C. 2x al Fine

Vi-o pela última vez em casa de Álvaro Moreyra. Sinhô cantou, se acompanhando, o "Não posso mais, meu bem, não posso mais", que havia composto na madrugada daquele dia, de volta de uma farra. Estava quase inteiramente afônico. Tossia muito e corrigia a tosse bebendo boas lambadas de Madeira R. Repetiu-se a toada um sem número de vezes. Todos nós secundávamos em coro. Terán, que estava presente, ficou encantado.

Não faz uma semana eu estava em casa de um amigo onde se esperava a chegada de Sinhô para cantar ao violão. Sinhô não veio. Devia estar na rua ou no fundo de alguma casa de música, cantando ou contando vantagem, ou então em algum botequim. Em casa é que não estaria; em casa, de cama, é que não estaria. Sinhô tinha que morrer como morreu, para que a sua morte fosse o que foi: um episódio de rua, como um desastre de automóvel. Vinha numa barca da Ilha do Governador para a cidade, teve uma hemoptise fulminante e acabou.

Seu corpo foi levado para o necrotério do Hospital Hahnemanniano, ali no coração do Estácio, perto do Mangue, à vista dos morros lendários... A capelinha branca era muito exígua para conter todos quantos queriam bem ao Sinhô, tudo gente simples, malandros, soldados, marinheiros, donas de rendez-vous baratos, meretrizes, chauffeurs, macumbeiros (lá estava o velho Oxunã da Praça Onze, um preto de dois metros de altura com uma belida num olho), todos os sambistas de fama, os pretinhos dos choros dos botequins das ruas Júlio do Carmo e Benedito Hipólito, mulheres dos morros, baianas de tabuleiro, vendedores de modinhas... Essa gente não se veste toda de preto. O gosto pela cor persiste deliciosamente mesmo na hora do enterro. Há prostitutazinhas em tecido opala vermelho. Aquele preto, famanaz do pinho, traja uma fatiota clara absolutamente incrível. As flores estão num botequim em frente, prolongamento da câmara-ardente. Bebe-se desbragadamente. Um vaivém incessante da capela para o botequim. Os amigos repetem piadas do morto, assobiam ou cantarolam os sambas (Tu te lembra daquele choro?). No cinema d'a Rua Frei Caneca um bruto cartaz anunciava "A Última Canção" de Al Johnson. Um dos presentes comenta a coincidência. O Chico da Baiana vai trocar de automóvel e volta com um landaulet que parece de casamento e onde toma assento a família de Sinhô. Pérola Negra, bailarina da companhia preta, assume atitudes de estrela. Não tem ali ninguém para quebrar aquele quadro de costumes cariocas, seguramente o mais genuíno que já se viu na vida da cidade: a dor simples, natural, ingênua de um povo cantador e macumbeiro em torno do corpo do companheiro que durante tantos anos foi por excelência intérprete de sua alma estóica, sensual, carnavalesca.

D.C. 2x al Fine
1r

Isso dá samba

Não lembro ao certo as palavras, mas me disseram que foi assim que aconteceu:

- **Jura?**
- Juro, sim sinhô! Ele morreu!
- Não posso acreditar! Mas ocê jura mesmo? **Jura pelo senhor?**
- Oh compadre Ernesto, ocê acha que eu ia brincar com um negócio desse?! Juro até **pela imagem da santa cruz do redentor!**
- Então acho que **tem valor essa tua, jura!** Mas ainda não posso acreditar! Um malandro tão bom quanto Sinhô, como foi que aconteceu? Me conte melhor...
- Tão dizendo por aí que foi um mal, como é que é, um mal “súdito”, sabe? Quando a pessoa tem que morrer mesmo, aí pimba! Simplesmente caí dura!
- Mas onde foi que isso aconteceu?
- Dizem que foi na barca. Do governador pra nossas bandas.
- É, meu caro Joca, isso é mesmo uma pena. Perdemos um mestre. Mas não adianta chorar sobre leite derramado, temos mais é que ir beber o morto, e tenho pra mim que famoso do jeito que o Sinhô era vai ser aquela manguaça. Vamos já pro velório.
- Oh, se vai! Vamos sim! Só vou passar no meu barraco e pegar o chapéu e os *paieros*. Nos encontramos lá embaixo?
- Sim! Só vou avisar a Neide que vou sair.

Depoimento de Neide

A gente ama um homem e quando ama conhece. A gente sempre sabe quando ele não é nosso. Quando conheci o Ernesto, eu senti que aquele homem não ia poder ser de mais ninguém senão da Isaura, mas não tinha ideia que a coisa era tanta e tão forte. Vieram muitas bocas despejar no meu ouvido do Ernesto e da Isaura conversando depois da morte do Sinhô, mas o que eu podia fazer? Deixa eles conversarem, que falar não arranca pedaço e que os dois nunca tiveram chance nenhuma – e num é agora que iam de ter. Eu também já tive meus deslizes... E a Isaura, coitada, o coração dela era do falecido, e por ele fazia de tudo. Amor a gente não condena, não, sinhô...

Depoimento transcrito por Belo Mar.

- Neide, estou saindo para beber.
- Ernesto, seu tratante! Você tinha dito que iria parar! Você sempre diz que vai!
- Não posso evitar, um amigo morreu. Semana que vem, querida, prometo.

Os cumpadê Ernesto e Joca seguiram para o velório do grande sambista Sinhô, lá no morro do Estácio. Era uma capelinha muito pequena pra tanta gente que foi ao velório, e como tinha gente! As mais diferenciadas possíveis: tinha caixeiro, marinheiro, estivador, pai de santo, criança, velho, prostituta, trombadinha, feirante, lixeiro, empresário, sambista, dono de boteco, bebedor de boteco, parentes próximos, pedestres desavisados e indigentes. Tanta, mas tanta gente que Ernesto e Joca nem conseguiram entrar para ver o corpo. Já que não conseguiram entrar foram começar as preces no boteco da frente da igreja (diga-se de passagem, que igreja sem boteco na frente, ou atrás, não pode ser igreja séria). O boteco já estava lotado com os outros “convidados” do velório, todos falando de Sinhô. Em um canto, perto do bilhar, havia se formado uma roda de choro que puxava: **“A tua jura/ Jura, jura de coração/ para que um dia eu possa dar-te meu amor...”** Os moços da tal roda já estavam tão embriagados que tinham esquecido o resto da letra. Joca se aproximou e com sua voz de locutor de futebol completou **“Sem mais pensar na ilusão!”**. Bravo! Teve palmas, risos, e mais uma rodada de cana em homenagem ao morto, e assim à tarde prosseguiu.

Todos por ali sabiam que o grande amor da vida do cumpadê Ernesto não era Neide, era sim dona Isaura, a nova viúva da redondeza, ex-mulher (pelo menos a registrada em cartório), do notável defunto, Sinhô. Ernesto e Isaura eram amigos desde os tempos de criança, mas o amor

Depoimento de Valdir

Dá pra ver quando um homem tá apaixonado – ainda mais se é amigo achegado. Enquanto a Neide se desdobrava entre roupa pra lavar pra fora e pro marido, o coitado do Ernesto vivia a sonhar com a Isaura. Que coisa sem vergonha é esse amor, não? E como se não bastasse o Sinhô tinha pra si outras mulheres apaixonadas. Aquela Rosa, por exemplo. Linda ela! Que tanto essa mulherada podia ver naquele sujeito? Tá certo que era sambista consagrado e amado, mas eu ficava pensando quantas histórias não se cruzavam na ponta dos versos daquele homem? Eu começava a achar que tinha alguma macumba nele pra fazer aquelas flores todas se despetalarem por ele... Ai, ai, Rosinha...

Depoimento transcrito por Belo Mar.

entre os dois nunca tinha se concretizado, ficava sempre esperando o amanhã. Houve um momento em que dona Isaura saiu da igreja e foi falar com seu Ernesto. Ninguém sabe o que os dois conversaram, mas dizem as más línguas (e as embriagadas também) que foi assim:

- É, meu caro amigo, lá se vai o meu grande amor. Homem como esses a gente não esquece não.
- Ele foi um sujeito de sorte! Mas sabe como é Isaura, quando chega a hora de morrer não tem como escapar.
- Isaura, você sabe que eu sempre te amei e ainda amo. Quem sabe agora que ele se foi não possamos recomeçar! O que me diz?

Houve silêncio. Isaura não escutou o que Ernesto dizia ou fingiu não escutar. Depois o cortejo começou a sair da igreja carregando o caixão para o cemitério. Isaura falou:

- Teve um dia que um jornalista famoso foi lá em casa entrevistar ele. Perguntou: “Sinhô, porque é que o senhor compõe sambas sem parar? Qual é sua principal motivação?” Ele disse bem assim: **“Para fugir das aflições da dor.”** Que bonito, né! É isso que vou mandar escrever na lápide dele: Para fugir das aflições da dor.
- Muito belo mesmo! Isso daria um bom samba!
- É. O samba era tudo para ele. Melhor, para ele tudo era samba! Agora deixa eu ir seguir o caixão antes que ele se vá! Ah, mais uma coisa, Ernesto; eu também já amei você.
- **Jura?!** Isaura, como assim?! Espere um pouco, mulher...

Historieta narrada por Posseiro das Palavras

Depoimento de Joca

Acho que o Sinhô tava certo quando fez aquela música “Pé de Anjo”. Que o povo gostava de falar dele, meu Senhor! **“Eu tenho uma tesourinha/ Que corta ouro e marfim/ Serve também pra cortar/ línguas que falam de mim.”** Mas essas línguas eram afiadas! Vê bem aquele Valdir. Decerto queria a tal da Rosa. Vivia atrás da moça, às vezes nem falava com a pobre, só a seguia desde que era uma mocinha. Quando soube que ela se apaixonara pelo Sinhô, Deus do céu! O matuto endoidou de vez! Todo amargura, saiu por aí a matraquear todo tipo de injúria sobre o sambista querido! Ainda bem que ainda existe um pouco de justiça nesse mundo e nada do que ele disse vingou. Um dia ele termina aí, sozinho, e quero ver que história que ele vai inventar pra sair da solidão.

Depoimento transcrito por Belo Mar.

O Enterro da Rosa

Ao contrário do que falam de mim por aí, não quis ser a Rainha do Samba. Rainhas ficam paradas na angústia do espinho da ausência de seus reis em seu próprio palácio. Das rainhas é esperado ter pose e modéstia ao mesmo tempo. Mil rosas têm elas a sua espera em troca, com mil súditos de falsos sorrisos e mil noites de sonhos despetalados: o que pode uma realeza saber de sonhar?

Não queria ser Rainha. Contentava-me ser apenas Rosa, como nasci e morrerei. Admito: não apenas Rosa, mas a Rosa de Sinhô, como para ele me tornei. E novamente admito: não acho que qualquer rei, duque ou príncipe sonhe, menos ele, um verdadeiro nobre num mundo de encantos, nobres. Ele que através das palavras levava-nos a uma terra de utopias, através das músicas levava os apaixonados pela vida aos doidos devaneios e pelo murmúrio “Rosa”, levava-me ao delírio.

Certeza tenho que jamais sentirei pior dor na vida da que possuo por ter certeza que nunca mais o ouvirei. Ele, o murmúrio, a música, as palavras; doces ilusões que me trazem memórias. Como me lembro daquela madrugada de verão no Mangue quando o conheci!

Trabalhava, risonha como sempre me fazia numa noite estrelada, e ao virar uma esquina ouvi alguém cantar, tristemente e docemente, **“Não debes rir de me ver chorar”** – perto de mim estava o cantor, sujeito de chapéu branco e andar torto, que veio em minha direção a cantarolar

Depoimento de Tia Vera

Mal pude acreditar quando ouvi a notícia de sua morte. Sinhô alegrava minha casa e minhas meninas, especialmente Rosa. Esse não era o nome dela, mas foi como ele a batizou – “*minha Rosa*”, e lhe entregava um botão toda sexta-feira. Era até bonito de ver, parecia mesmo que ele tinha lhe entregado seu coração. Mas eu sabia, da mesma forma que Rosa fingia não saber, que o coração de Sinhô pertencia a Henriqueta – sua esposa. No passado eu também tinha amado Sinhô, mas hoje éramos apenas companheiros na dor e no samba. Fui para o velório querendo acreditar que o encontraria vivo, mas não tive coragem sequer de adentrar a igreja. Sentei-me na escada tentando arrancar a dor que eu sentia, foi quando me lembrei de Rosa – ela viria para o enterro, e eu não aguentaria vê-la chorar. Voltei para o cabaré, mas antes deixei um botão nas escadas.

“Meu santo bem, minha paixão, o mesmo mal pode te vibrar, ferindo bem teu coração”. Tinha nos olhos uma tristeza sincera que só alguma perda deixava. Tristeza que devo ter agora em meus olhos que só conseguem olhar a rosa, hoje seca, que naquela noite dele ganhei.

Jamais pensei que em minhas luvas vermelhas encontraria lágrimas. Tantos sambas, tantos homens, tantas alegrias. Mas quem diria, que só um homem, um samba e uma alegria a mim importaria? Pergunto-me agora, ao caminhar pelo meio de tanta gente, que por mais estranho que me pareço, também pensam nele, o que elas foram para o Sinhô e o que ele foi para elas. Teria alguém visto a tristeza de seus olhos como vi? Alguma dessas outras mulheres também secretamente guardaria uma rosa sua? Ou para elas, Sinhô era só o sambista famoso que ouviram algum dia na rua?

Para elas, a igreja estava lotada. Já para mim, vazia. Como pode uma multidão ter tanta solidão? Até que lembro daquela canção... ***“Num santo altar junto à cruz do Bom Jesus, eu rezo só por teu amor”.*** E como pode uma dor ser curada com um cantor?

Não olhei para trás. Naquela escada, uma rosa foi deixada.

Historieta narrada por Talia

Depoimento de Carminha

A Rosa achava que o Sinhô era só dela, onde já se viu uma coisa dessas?! Sempre achei que ela era inocente demais para uma rameira, mulher da vida tem que saber das coisas. Todo o Rio sabia que ele era apaixonado primeiro pela mulher dele, Henriqueta, e depois dela por Isaura. Em Vila Isabel chamavam a Isaura de “a ex do Sinhô”, diziam que tinham separado no cartório e tudo. Na bem da verdade os dois nunca chegaram a se casar – Sinhô tinha contraído matrimônio com a Henriqueta quando ainda era rapazote, e com ela tivera seus três filhos. É verdade que ele tinha montado uma casa para Isaura e tudo, e é mais verdade que ela era louca nele, mas quando soube que ela não era a mulher dele – pelo menos não a oficial, pois ela sabia que tinha outras -, ela saiu batendo a porta da casa e dizendo que nunca mais ia voltar. Mas seu coração nunca deixou de ser dele.

Sem ti, sou nota. Contigo, somos música.

Para mim, Sinhô era Zé. O meu Zé, ou o Sinhô de vocês, como quiserem chamá-lo, contratou-me logo após a morte de sua esposa. Eu era vizinha da família e, às vezes, entre uma pendurada e outra de roupa, trocava uns sorrisos e conselhos com a falecida, a quem sempre tive muita consideração. O filho mais novo de Zé, o Chiquinho, não sei bem o porquê, adorava pular a janela e vasculhar minhas coisas. Vez que outra encontrava o rapaz deitado na minha cama com um livro meu em mãos. Aos poucos, foi-se criando um laço entre nós. Tanto que, logo após a morte da mãe dos meninos, fiquei sabendo que Chiquinho reuniu seus irmãos, puxou seu pai num canto, e decidiu-se: Agora só quero a Maria Rita. “Tragam-na”, foi a resposta de Zé. E, então, eu vim. Zé, apesar da perda da esposa, não se deprimiu. Via-se nos olhos que amava sua falecida. Mas, também, via-se na alma que não sabia ser triste. Após a semana de luto, voltou-se ao samba, à boemia e, bem... a mim. Contratada como babá, não foi só dos filhos que tomei conta. Cuidei de Zé como se fosse meu, e como, de fato, foi-se tornando.

Um dia contei a ele do meu apreço pelo samba e a decepção de nunca ter conseguido aprender música. Sinhô passou, então, a me ensinar, durante todos os finais de tarde, cada passo detalhado para que eu pudesse tocar violão como ele. Já nas lições básicas, Zé morria de ternura de me ver sabendo toda a teoria bonitinha: *dó, ré, mi, fá, sol, lá, si* e *dó* de quem nunca sentiu o samba. Nunca o tinha visto tão empolgado com outra coisa.

Depoimento de Elis

Quando nossa família mudou para ilha do Governador, Maria Rita estava na flor de seus quinze anos. Na época Sinhô já estava casado e sua esposa esperava o segundo filho. Quando o menino nasceu Henriqueta contratou minha irmã para cuidar do mais velho enquanto dava a devida atenção para o recém-nascido, foi ali que Maria Rita se apaixonou por Sinhô. Dali pra frente minha irmã criou amizade com Henriqueta e com os meninos e, quando teve a oportunidade pediu que Sinhô lhe ensinasse a fazer samba. Maria Rita teve mais aulas do que qualquer outro aluno de Sinhô – ele achava que ela não conseguia aprender, mas continuava com as aulas já que a menina era amiga da família. A verdade é que minha irmã fingia. Fingia que não sabia o samba para continuar tendo aulas com o homem com quem sonhava.

Olhava-me com estima e, naqueles momentos, dava-me toda a atenção que podia. Abraçava-me por trás, pousava as mãos em cima das minhas e, como um corpo só, fazíamos samba. Era tão bom ter o Zé só pra mim naquela parcela de hora. Passei, então, a enrolar o aprendizado. “Mas você é tão esperta, Maria Rita! Como não consegue sambar sozinha?” ele, desapontado, dizia. “Sei não, meu Preto. Não consigo. Preciso de mais aulas suas”. Mas assim que a madrugada retumbava e Zé dormia, eu pegava o instrumento e ia para a cozinha fazer show para panelas e pratos. Modéstia a parte, eu aprendi e muito bem aprendido. Às vezes, quando eu aflagava seus cabelos, Zé dizia querer tanto ver meus dedos sambando sozinhos nas cordas. Hoje, me arrependo, mas enrolei o coitado por bons anos.

Quando fiquei sabendo do incidente no barco, como um vendaval que derruba tudo que há de pé, senti meu peito desmoronar. Pro mundo, Zé era tanto. Pra mim, tanto era tudo. Apesar de às vezes agir tal como, nunca disse que me amava – acho que por respeito à falecida. Se soubesse como eu passava minhas madrugadas, talvez me amasse. Mas, se de algum lugar ele hoje me vê, agora sabe por que eu tinha tanto sono de manhã... Fiz samba, Zé. Fiz samba.

Historieta narrada por M^a Epítoma

Depoimento de Paulinho

Ah! Eu amava a Rita, mas ela só tinha olhos para aquele sambista com quem tinha aulas. O homem a tratava quase como filha, mas ela não percebia, insistia que o amor era recíproco. Teve uma época em que a Dona Henriqueta andou adoentada e ela foi chamada para cuidar dos meninos enquanto Sinhô cuidava da mulher e de sua música. Maria Rita foi à loucura, por semanas devaneou que Sinhô tinha ficado viúvo e ela tinha se tornado a mulher dele. Ela não falava disso pra ninguém, porque no fundo Rita gostava da Dona Henriqueta e não desejava que mal nenhum lhe acontecesse. Mas, às vezes quando ela pensava estar sozinha, eu a ouvia sussurrar o nome de Sinhô, chamá-lo de meu amor e inventar pra ele os mais variados diálogos de amor. Era coisa de moça recém-feita, eu acho!

Depoimento transcrito por [M.B]

De sambista para sambista

E era assim que ele tinha de morrer, se não fosse assim seria de uma doença qualquer no fígado – e ainda assim morreria agarrado a uma garrafa de cachaça. Homem que nem o Sinhô não é de desperdiçar seus momentos finais numa cama, de certo estava voltando de um boteco qualquer. Até imagino ele sentado na Terceira, batucando com os dedos na sua cadeira – deve ter se distraído umas duas ou três vezes com a moça bonita sentada na outra fileira, depois voltava ao batuque compondo mentalmente o samba que cantaria para a mulher ao chegar em casa. A vida dele tinha sido o samba, por que, na hora da morte, haveria ele de pensar em outra coisa? Estava sim, compondo um samba. E se chegou ao céu – se é que malandro tem direito ao céu – chegou fazendo jura ao Redentor.

Eu tinha de ir ao velório, os melindres e as maledicências deviam ser deixados de lado. Já não era mais tempo de duelo; e no fim das contas o Sinhô era meu amigo. Não perderia minha última oportunidade de cantar meu samba em sua homenagem.

Ao chegar à igreja onde aconteceria o velório, encontrei Tia Vera nas escadarias. Lá no derradeiro degrau, num vestido vermelho – que se assemelhava a cor do sangue do defunto, com as costas recostadas na parede, enquanto as pernas se cruzavam deixando a mostra a curvatura de suas nádegas, estava a cafetina do maior cabaré do Rio de Janeiro.

Depoimento de China

Meu irmão Alfredo ficou muito abalado com a morte do Sinhô – você deve conhecer ele como Pixinguinha. Foi assim que ficou conhecido depois que o samba dele começou a fazer sucesso, mas pra mim ele vai ser sempre meu irmão Alfredo. Sinhô foi muito nosso amigo, a gente teve algumas desavenças, é verdade, mas não deixou de ser nosso amigo. A gente até trocou alguns desaforos através do samba, eu e meu irmão falamos que ele era *alto, magro e feio* – e ele era mesmo -, depois disso ele ficou revoltado e saiu por aí me chamando de “pé de anjo”. Alfredo, quando soube da triste notícia, disse que ia pro velório tocar “Já te digo”. Eu falei que ele estava fora de si, que a viúva faria um escândalo e que ele ia acabar na delegacia. Ele me disse: “Deixe estar. Ele era feio, mas era meu amigo. Me deixe, que eu vou beber o morto” e se foi porta a fora. Espero que amanhã eu não tenha que buscá-lo no xilindró.

Tia Vera segurava uma garrafa... Em seu rosto escorriam lágrimas pretas, marcas da maquiagem que costumava estar sempre impecável.

Eu nunca vira a mulher daquele jeito. Perguntou-me, com uma voz fraca o que eu estava fazendo ali – quando falou, reparei que sua língua tropeçava no terço da garrafa que tinha bebido antes de eu chegar. Pedi que me desse um gole, e depois de engolir o conhaque barato que ela bebia respondi que vim pra tocar. Não quis prolongar a conversa. Não estava para conversa. Olhei a minha volta, percebi a muvuca que se formava no boteco do outro lado da rua – eram, certamente, os amigos do Sinhô; vieram para o velório – tomei fôlego e deixei Tia Vera na companhia de seu conhaque. Fui até o Sinhô.

A viúva sentada ao lado do caixão, os três filhos no canto da salinha apertada e uma gentarada tentando se aproximar pra ver o morto. Pensei com meus botões: como o povo gosta de ver sofrimento. A viúva me olhou como se não acreditasse que eu estivesse ali, algumas pessoas se desviaram como se tentassem evitar um confronto... que não aconteceu. Desviei a todos. Saudei a viúva com um aceno, mas não disse palavra. Não queria conversa. Não estava para conversa.

Estava ali pelo samba, estava ali por Sinhô. Tirei meu violão das costas e procurei por alguém que tivesse um cavaquinho. Encontrei nas mãos do filho mais moço de Sinhô. Refleti por minuto ou dois sobre pedir que ele me acompanhasse ou não. Por fim, resolvi tocar sozinho o

Depoimento de Hilário Jovino

A confusão começou com o Donga. Ele decidiu que queria registrar “Pelo Telefone” por que a música era dele, e eu não sei mais o quê. Mas, na época, eu também não quis saber de muita coisa – eu não era de me meter em confusão, muito menos com amigo meu. Mas depois que o Sinhô começou a falar mal da Bahia eu não podia mais ficar calado, quem ele achava que era pra falar mal da terra santa? Mas minha desavença com ele ficou ali, no samba. Quando soube que o Pixinguinha foi cantar no velório dele, eu até fiquei sentido de não ter ido junto. O Sinhô era meu camarada, era eu que estava com ele quando ele conheceu a Rosa. E quando a Isaura deu um piti e resolveu sair de casa, eu que fui tentar acalmar a situação. Quando a Maria Rita quis aprender a tocar samba, fui eu quem arrumou o violão. E eu ajudei a esconder todas elas da Henriqueta. Eu estava lá o tempo todo, mesmo depois que a confusão toda aconteceu.

samba que há tempos tinha composto para Sinhô:

“Ele é um cabra muito feio, que fala sem receio/ Não tem medo de perigo”

Em minha garganta um nó se formou, enquanto os outros sussurravam se perguntando se eu iria mesmo cantar aquela música. A viúva se remexeu na cadeira, e um dos filhos pediu o cavaquinho. Pensei que ele me acertaria com o instrumento, mas em vez disso ele me acompanhou na melodia. Com a feição séria, não desviou o olhar de mim por sequer um minuto – era como se me avaliasse e tentasse descobrir a atitude que tomaria em seguida.

“Ele é alto, magro e feio/ É desdentado/ Ele fala do mundo inteiro”

Quando a música terminou, o silêncio se instalou na salinha. Todos me encaravam com seus olhos de interrogação. Peguei meu violão e me direcionei para a saída, quando cheguei à porta virei para a viúva e disse: *ele é alto, magro e feio; mas ele era meu AMIGO*. Não conseguir conter a lágrima que insistia em escapar de meu olho. Fui para rua, voltei pro meu samba – mas não antes de passar no boteco e beber uma dose em homenagem ao Sinhô.

Historieta narrada por Cacilda B.

Depoimento de Donga

Registrei sim! E registrei porque a música era minha, a Tia Ciata pode confirmar. Eles que não se conformaram por não terem composto um samba tão bom quanto o meu. E Sinhô era o mais tihoso de todos, já não chegava o que ele fez com a Isaura. Eu bem que tentei avisar que o matuto só estava se aproveitando da beleza dela, mas ela não quis acreditar, disse que eu estava cego de ciúmes. Mesmo depois que descobriu que Sinhô era casado com a Henriqueta não largou do homem – fez uma cena, mas depois voltou pra casa. Um dia pedi pro China contar para ela da Rosa, da Maria Rita e de mais tantas outras com quem Sinhô passava suas noites; mas aquele era outro frouxo – ele e o irmão dele. Tu acredita que mesmo depois de tudo o Pixinguinha resolveu cantar no velório do Sinhô, dizem que ele até chorou de emoção.

Depoimento transcrito por [M.B.]

Descendo as curvas do Rio, nas esquinas do samba.

O sol se fez ver alto em um dia de muito calor, a madeira das casas se retorceu, lamuriosa, o suor escorrendo entre os pregos e as tintas. Nas terras daqui sempre fez muito calor, os céus dos dias e das noites raramente enxergaram pessoas com muitos casacos, que dirá cobertas de roupas como acontece pro sul. Das terras aqui, caminhando em voltas pelo morro, eu posso tentar enxergar o cemitério do Caju, o São Januário do Vasco, as casas coloridas suorentas potencializadas aos milhares, e me esticando um tanto talvez eu enxergue o porto - que eu acho muito lindo - do Rio de Janeiro e o Cais da Gamboa.

Volto pra dentro de casa e a televisão conversa comigo, eu que sou solitária enquanto o sol não se põe, e me diz de um tal filme *O Rei do Samba*. Permaneço atenta, jogada em meu sofá roxo desmantelado, porque o samba é uma espécie de marido meu: é pros braços dele que eu corro e me enrosco nas noites, depois do sol se pôr, por esse motivo é que, nessas horas, eu não sou sozinha. Eu já conhecia esse tal Sinhô, suas composições são cantadas até hoje nas rodas de todos os bares que vou, minha mãe falava dele, e a mãe de minha mãe também.

Elas, mãe e avó, morenas do samba iguais a mim, me apresentaram Sinhô como um gentil carioca. A avó de minha avó contava que ele era um poeta absurdamente apaixonante, encantava e fascinava homens e mulheres de todos os salões e de todas as camadas sociais com composições que animavam o espírito e acalmavam a alma.

Depoimento de Nina

Minha bisavó era do samba, assim como eu sou e assim como minhas filhas e netas serão. Você pode não acreditar, mas minha bisá Maria Rita aprendeu a fazer samba com o próprio Sinhô. Ela contava para minha avó que enganou seu professor durante toda a vida, fazendo de conta que não sabia fazer samba, mas na verdade ela passava os dedos pelas cordas como alguém que acaricia aquele que ama. Maria Rita era apaixonada pelo Sinhô e fingia que não sabia sambar para que o corpo dele ficasse colado ao seu – enquanto o professor se concentrava em arrumar os dedos de minha bisá nas cordas do violão, ela se preocupava e fazer de seu próprio corpo o violão de Sinhô. Minha bisavó fazia samba, minha bisavó era do samba; assim como eu sou e como minhas filhas e netas serão.

Não só falando de amor, do próprio samba, do Rio de Janeiro ou das mulheres, mas envolvendo o povo e contando histórias - seu protesto contra o fim das favelas cantado em A favela vai abaixo, batendo de frente com um grupo de pessoas que divide o pensamento que até hoje existe, de que favela significa crime e doença. Me emociona só de pensar que meu querido Morro da Favela poderia ter deixado de existir há muitas décadas. *(obrigada, Sinhô)*

Tetravó ainda contava que o Rei do Samba morreu tossindo, dentro de uma barca. Vinha pra cidade e escarrou sangue até parar de respirar. “E a capela branca do necrotério encheu-se de gente, minha neta”, dizia ela pra vó, “encheu-se até as janelas! E era gente chorando, era gente rindo de histórias desse malandro, era gente embebedando-se aos litros, era gente cantando e era gente dançando, inclusive eu, morena do samba que sempre fui e que, você sabe, nós sempre seremos.” Nesse momento tetravó mexia nos cabelos pretos da vó, sorrindo emocionada, os olhos marejando, como um reflexo do porto. “As flores do outro lado da rua, expostas nas janelas do botequim, combinavam com as cores das casinhas amadeiradas de todos os morros... Sinhô foi um homem bom, minha querida, ele era um artista. Minh’alma dançava com meu corpo”.

Historieta narrada por Raio de Sol

Depoimento de Florinda

O samba entrou na nossa família pela minha tetravó, Maria Rita. Dizem que ela aprendeu a arte com próprio Rei do Samba, o Sinhô – que ela fora sua amiga e aprendiz. Outros dizem que ele a ensinou a tocar com sussurros ao pé da orelha, como cúmplices e amantes que foram. Eu nunca vi o nome da minha tetravó nos livros de história, nem nas matérias que procurei sobre o reconhecido sambista José Barbosa da Silva, acho que nunca descobrirei o que realmente aconteceu. Mas guardo com carinho o vilão que minha mãe me deu. Minha mãe me contou que foi com aquele violão que minha tetravó aprendeu a tocar, o instrumento é realmente antigo. Esses dias fui limpá-lo e encontrei as iniciais J.B.S entalhadas numa parte escondida de seu braço.

Depoimento transcrito por [M.B.]



Uma [breve] biografia

José Barbosa da Silva, o **Sinhô**, nasceu em 8 de setembro de 1888. Mulato, carioca, filho de um pintor de paredes, passou por uma infância difícil, mas isso não o impediu de ser estimulado pela família a estudar flauta, piano e violão. É bem verdade que tinha um piano em casa.

Sinhô começou a compor em 1919 e é considerado um dos maiores compositores da primeira geração do samba carioca, junto com Pixinguinha e outros. Chegou a ser chamado de **Rei do Samba**, pois entre os sambistas da época foi o mais reconhecido e o que fez maior sucesso. Dizem que Sinhô fazia samba antes do samba – na época do maxixe. Foi ele quem deu uma cara nova ao samba, pois antes sua sonoridade se aproximava mais do maxixe. O samba da maneira que conhecemos hoje começou a ser feito naquela época. Tocava em gafieiras, clubes, festas populares, teatro de revista e foi responsável também por trazer o samba para o salão, pois foi um dos primeiros compositores de samba a ser respeitado pela elite carioca.

Sinhô cantou os primeiros relatos sobre o povo carioca, sobre o modo de viver do carioca. Malandro, achegado a uma cachaça, Sinhô viveu sua vida de boêmio, cultivando a fama de farrista e promovendo grandes festas em bordéis.

Polêmico, era constantemente acusado de plagiar composições ou de se apropriar indevidamente de músicas alheias garantindo serem suas. Respondia as acusações com a anedota: "Samba é como passarinho. É de quem pegar". Talvez por isso foi o primeiro compositor brasileiro a se preocupar com direitos autorais - fazendo questão de carimbar cada uma de suas partituras com seu nome e assinatura.

E falando em polêmica, uma das maiores polêmicas da história da música brasileira se dá pela autoria do samba carnavalesco

JURA

[Sinhô]

Jura, jura, jura
pelo Senhor
Jura pela imagem
da Santa Cruz do Redentor
pra ter valor a tua jura
jura, jura
de coração
para que um dia
eu possa dar-te o amor
sem mais pensar na ilusão

Daí então dar-te eu irei
o beijo puro da catedral do
amor
Dos sonhos meus, bem junto
aos teus
para fugirmos das aflições da
dor

Pelo Telefone – registrado em 1917, por *Donga*, em parceria de *Mauro de Almeida*. O samba era cantado na casa da baiana *Tia Ciata* por Sinhô e os sambistas *Germano Lopes da Silva*, *João da Mata*, *Hilário Jovino Ferreira*, *Donga*, entre outros, nessa época a composição levava o nome de *O Roceiro*. A canção até hoje é motivo de discussões, pois vários compositores, entre eles Sinhô, reivindicaram sua autoria.

A música gerou polêmica e brigas – Sinhô rompeu com os parceiros “baianos” e em 1918, compôs *Quem são eles*, que dizia: (“*A Bahia é terra boa/ Ela lá e eu aqui*”), numa clara provocação aos parceiros de *Pelo Telefone*. Acabou levando o troco. Exclusivamente para ele, foram compostas *Fica Calmo que Aparece*, de Donga, *Não és tão falado assim*, de Hilário Jovino Ferreira, e *Já Te Digo*, de Pixinguinha e seu irmão China, que traçaram-lhe um perfil nada elegante: (“*Ele é alto e feio/ e desdentado/ ele fala do mundo inteiro/ e já está avacalhado...*”). Pagou a ambos com a marchinha *O Pé de Anjo*, primeira composição gravada com a denominação **marcha**. E foi ali que se deu o início das provocações musicais entre os compositores, as diferenças eram resolvidas na música.

Morreu em agosto de 1930, em decorrência da tuberculose, a bordo da barca “Terceira”, durante uma viagem entre o Centro do Rio e a Ilha do Governador, onde morava. Seu velório e funeral foram descritos com tintas literárias por Manuel Bandeira.

Controvertido, mulherengo, vaidoso, maldizente, Sinhô era, na verdade, um dos mais bem-humorados compositores brasileiros do início do século.

Mais informações em:

<http://blogln.ning.com/profiles/blogs/sinho-80-anos-sem-o-rei-do>

O Pé de Anjo

[Sinhô]

Eu tenho uma tesourinha
que corta ouro e marfim
Guardo também pra cortar
as línguas que falam de mim

Ó pé de anjo, ó pé de anjo
És rezador, és rezador
Tens o pé tão grande
que és capaz de pisar
Nosso Senhor, Nosso Senhor

A mulher e a galinha
Um e outro e interesseiro
A galinha pelo milho
E a mulher pelo dinheiro





Editorial:

Olá! Nós somos a *Revista Travessa em Três Tempos*. Ouve-se pelos corredores que o âmago desta idealização nasceu despretensiosamente, em blog, com o objetivo de três autores-amigos pass[e]arem pelos três tempos históricos, tendo a travessa como cenário, sem ser revisitada. De mais, “não sei, só sei que foi assim...”

Hoje, somos um projeto de extensão do Laboratório de Imagem e Som da UDESC. Nos definem como revista histórico-literária e dizem que nosso objetivo é o entretenimento do público em geral ao brincar com as diferentes versões da história. Bem, concordamos com isso! Porque, como bem sabemos, na história não existe uma verdade, mas várias. E é por isso que a gente se propõe a colocar a imaginação – histórica ou não - pra funcionar e criar novas versões dos fatos trazidos prontos pelos documentos históricos. Assim, a revista se forma, com várias possibilidades para a história principal. Dizem que dá um bom resultado. Confira!



Como participar:

Um ou mais contos antes que o mundo acabe

Que a Travessa em Três Tempos é uma revista que narra a história de todas as formas possíveis você já sabe. O que talvez você não saiba, é que pode participar disso e contar a sua versão – como você gostaria que a História se desenrolasse?

Você é quem tece: damos o tema, a fonte, alguns fatos. A você cabe inspirar-se e escrever!

No endereço http://revistatravessaemtres_tempos.blogspot.com.br/, você pode acompanhar os editais e mandar sua história! Conte, reconte, aumente quantos pontos quiser – desde que sua narrativa não tenha diálogos e tenha a ver com o documento (para mais detalhes, consulte os editais).

E então? Não vai escrever antes de o mundo acabar?



Ficha Técnica:

Atenção!

As historietas, depoimentos e nomes contidos nesse exemplar são todos fictícios.

Documento Base:

BANDEIRA, Manuel. **Reis Vagabundos e mais 50 crônicas**. Editora do Autor, Rio de Janeiro, 1966. Disponível para leitura em:

http://www.releituras.com/mbandeira_sinho.asp

Autores Participantes:

Mateus Cavalcanti Melo – Iulla Portillo

Textos de Redatores:

Ana Terra de Leon - Luiza Tonon – Taiane Santi Martins - Tainah Lunge

Revisão:

Luiza Tonon

Capa:

Foto: Mariana Rotili

Edição e Diagramação:

Taiane Santi Martins

Arte e design: Taiane Santi Martins

Equipe Travessa em Três Tempos:

Ana Terra de Leon - Luccas Neves Stangler

Mariana Rotili – Luiza Tonon

Taiane Santi Martins - Tainah Lunge

Idealização: Taiane Santi Martins

Apoio: Laboratório de Imagem e Som – LIS

Orientação: Profa. Mariana Joffily

Endereço para contato:

revistatravessa@gmail.com



@revistatravessa

<http://revistatravessaemtrestempos.blogspot.com>

Idealização:

Taiane Santi Martins

Apoio:

